

O Livro do Tempo: Escritas e reescritas

Teatro Greco-Latino e sua recepção II

**Maria de Fátima Silva, Maria do Céu
Fialho & José Luís Brandão
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**VALE A PENA TRAZER ALCESTE DE VOLTA À VIDA?
EURÍPIDES E GONÇALO M. TAVARES**
(Is it worth to bring Alcestis back to life? Euripides and Gonçalo M. Tavares)

JORGE DESERTO (jdeserto@gmail.com)

Universidade do Porto

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO - *Alceste*, a mais antiga das obras conservadas de Eurípidés e uma das menos queridas, é capaz de suscitar as interpretações mais díspares e de surpreender por uma ambiguidade que deixa desarmado o leitor contemporâneo. Também por isso é inesperado que Gonçalo M. Tavares tenha publicado, em 2014, *Os velhos também querem viver*, uma obra criada a partir da *Alceste* euripídiana. Situando-a surpreendentemente numa Sarajevo cercada (ou seja, nos anos de 1992 a 1996), Tavares reproduz por inteiro a intriga do texto grego, mas sujeitando-a ao filtro de um narrador que acompanha os acontecimentos com um olhar distanciado, ora movido pela desconfiança, ora pela ironia – e este mecanismo de (re)leitura consegue refrescar o olhar que lançamos sobre o texto original de Eurípidés.

PALAVRAS-CHAVE - Alceste, Eurípidés, Gonçalo M. Tavares, recepção, teatro grego.

ABSTRACT - *Alcestis*, the oldest of the remaining works of Euripides and one of the less loved, is able to raise the most diverse interpretations and to surprise by an ambiguity that leaves the contemporary reader completely disarmed. This is also why it was unexpected that the Portuguese writer Gonçalo M. Tavares presented, in 2014, *Os velhos também querem viver* (*Old people also want to live*), a work that draws its inspiration from Euripides' *Alcestis*. Placing the events in the surrounded city of Sarajevo (that means between 1992 and 1996), Tavares reproduces in full the intrigue of the Greek text, but subjecting it to the filter of a narrator who follows the events with a detached look, sometimes driven by mistrust, sometimes by irony - and this mechanism of (re) reading the words of the Greek play is able to refresh the way we look to the original text of Euripides.

KEYWORDS - Alcestis, Euripides, Gonçalo M. Tavares, reception, Greek theatre.

1.

Alceste não é, claramente, uma das mais estimadas obras de Eurípidés. A mais antiga obra conservada do tragediógrafo, apresentada em 438 a.C., no mesmo ano do *Télefo* que tanto impressionou Aristófanes, surgiu no lugar habitual do drama satírico, o que impulsionou, ao longo do tempo, amplas discussões acerca da sua natureza e do modo como deve ser inserida no género trágico. A recepção desta história de uma mulher que sacrifica voluntariamente a vida para que o marido continue a viver transformou-se, muitas vezes, num feroz julgamento do